

MEIO-DIA

Ana Maria de Almeida

O velho estúpido do armazém em frente! Ela não pode chegar à janela sem que ele venha, gordo, engomado, cheio de mesuras e tremuras. As papadas se desdobram num levantar solene de cabeça e se acumulam como pregas, quando ele se curva, num aceno. As rugas se multiplicam a pretexto de um sorriso, e ele, todo ventre, se balança cerimoniosamente. Um dente de ouro brilha no canto esquerdo da boca bondosa. Seca, a mulher responde ao cumprimento, fechando-se em copas e conchas.

Ela se afasta irritada, apertando o lencinho branco de renda nas mãos. «Final não sou tão velha assim...» Será que ele pensa que ela se sente honrada com sua mercê e admiração? Estúpido e ridículo. Hoje vestiu um terno de linho azul, ontem estava de casemira cinza. O terno até estava cheio de marcas! Com certeza o guarda para grandes ocasiões, quando quer mostrar-se elegante. E deve cheirar a naftalina. A mulher pensa no cheiro com um arquejo que a deixa meio amolecida, bamba... Deve ser o calor.

Ela ficou sabendo que ele é viúvo, não tem filhos e goza de boa reputação. Não perguntou nada, até podia parecer que ela estava interessada em donos do armazém! A D. Zezé é que é uma faladeira e dá notícias de tudo que acontece no bairro. «Sem serviço! Vive batendo pernas a tratar da vida alheia». Credo! Ela nunca apreciou conversinhas, fuxicos de portão. Não

pediu que D. Zezé informasse nada. Ele é viúvo... O coração dela bate mais apressado. Não é que se esqueceu das pílulas? Precisa torná-las regularmente, pois seu coração precisa de trato. «Quem gosta da gente é a gente mesma!» No silêncio lembra a cotovelada matreira de D. Zezé: «Você vai guardar pra terra comer?» Sem querer, ri agora da brincadeira.

E suspira. Ele é viúvo e ela não tem nada com isso. É ridículo! Se tivesse querido, bem podia ter-se casado com o Lucas, ou com o Afonso, mesmo com o Antunes, que tinha um carro amarelo e uma padaria. «Ele ficava bonito com um chapéu de lado». Chapéu de lado, meu namorado... Dá outro suspiro fundo. Que seria feito do Antunes? Nunca mais o viu desde o baile em benefício do Asilo. Mil novecentos e... Não se lembra; anda muito esquecida ultimamente. Mas não foi no tempo que se usou gasogênio porque faltou gasolina?

Poderia ter casado, mas não quis. Preferiu sua liberdade, se bem que homem é sempre segurança para uma mulher. «Nunca eu suportaria crianças rodando pela casa, sujando o chão e quebrando meus bibelôs.» Ora, está muito segura em sua casa, com sua liberdade. Com o silêncio e a largueza da cama. Pra que dividir?

Descobre com um ligeiro desgosto que sempre fala assim às amigas que vêm visitá-la. Como se tivesse de dar contas ou justificações. Laura casou com um primo e tem um filho meio doido. Ela é que nunca quisera namoros com primos; não foi o que disse ao Mário? Mário... O filho de Aurora é vesgo. Só ela o notou porque é muito observadora e se orgulha do seu bom-gosto. «Nada que é feio me agrada.» Neusa lava os ternos do marido para economizar, por isso tem as mãos tão estragadas. Como pode suportar uma coisa destas? Ela se orgulha de seus dedos alvos e de sua liberdade. «Eu tenho minha liberdade.» Está contente, não está?

Volta sem perceber à janela. Não pode deixar de corresponder ao outro cumprimento do velho. Afinal sempre foi uma

senhorita educada, de fino trato, prendada, educada em ótimos colégios. «A senhorinha Martins é um cromó», ela ouviu o vigário dizer um dia ao presidente dos vicentinos. Ninguém nunca poderia erguer uma palha contra o seu procedimento. Moça de família.

D. Zezé tinha piscado os olhos maliciosamente «Ele é viúvo, hem?» . A gente passa por cada vexame! O velho se curva até quase os calcanhares, e ela tem um risinho nervoso, imaginando que ele pode perder o equilíbrio e cair na calçada. Parece um ridículo boneco de molas.

Volta-se depressa e começa a ajeitar maquinalmente os enfeites sobre os móveis. Se tivesse querido... Ora! Espana nervosa a poeira dos móveis e o espelho. O espelho. O espelho. «Antigamente tinha uma pele rosada. Nunca precisei de ruge nem de batom.» Lembra-se do creme contra rugas. Não estava precisando, aliás nunca tinha pensado antes que precisasse de cremes contra rugas. A oferta, porém, fora boa, e ela não quisera perdê-la: um abatimento de trezentos cruzeiros na compra de dois potes. «Gosto de pechinchas!» Também não faz mal prevenir. Os reclames diziam que o creme era bom. Por que não comprou também o verniz para unhas?

As cortinas das janelas precisam ser lavadas porque o Natal se aproxima e seus irmãos e cunhadas virão religiosamente para a ceia. Precisa lavá-las, pôr um bocadinho de anil e depois engomar.

A rua está silenciosa sob o sol, as casas fechadas. Só o velho do armazém em frente fiscaliza o ar parado. Será que passará o dia inteiro à porta do armazém? Ridículo! Certamente pensará que ela está a observá-lo por trás das cortinas. Agita-as com veemência para mostrar que está trabalhando e encontra um olhar longo como o sol lá fora...

Recosta-se no sofá para dormir um pouco. Tem ficado sonolenta também, e seu coração bate descompassado. Precisa consultar o médico de novo, embora não goste das brincadeiras

dele. «Isso é falta de amor, D. Luci. Falta de cobertor de orelhas!» Recosta-se e fica ouvindo o zumbido de algumas moscas sobre a fruteira. São poucas mas podem aumentar, são umas pestes no calor! Ela bem poderia ir ao armazém e comprar um inseticida... «Não há mal nenhum em que eu vá lá comprar um inseticida». Entretanto ela está sonolenta, e a D. Zezé pode ir bisbilhotar — todas as vezes que sai, encontra-se com ela. Depois seu coração fica mais apressado só de pensar em ir ao armazém. Depois do que D. Zezé contou, pode pensar que ela está interessada, entusiasmada como uma menina! «Olha, D. Luci, o seu Alberto do armazém disse que a senhora tem uma bela estampa». Faladeira! Agora não pode sair, não deve. Só quer sonhar um pouco como faz desde seus tempos de menina. Imagina amores loucos, ai, desses que não acontecem mais, ela sempre jovem, apertada em abraços apaixonados. Gosta mais das cenas de despedida, com lágrimas e juras, ou de encontros inesperados e ardentes. «Meu amor, dez minutos sem ti são o inferno.» «Temos toda a vida pela frente.» «Amar-te-ei até a morte.» «Somente a morte poderá separar-nos.» «Tenho que partir». «Que tortura...» «Vai, não olha para trás». «Sempre em ti». «Teu». «Tua». «Ai ele me pegou nos braços e lamentou ficar dois longos dias, longe de mim». Agita-se trêmula entre braços fortes. Antigamente esses sonhos não tinham rosto: eram apenas braços e nomes fortes: Segismundo, Dagoberto, Godofredo. Nomes de homens rijos, desempenados. Louros, violentos e sérios. Ui! Que não existem mais. Hoje está tão difícil pensar neles...

«Seria tão bom encontrar alguém como ele, ai, ai!» Alberto. Alberto é um nome bonito, e, na sonolência, ela se vê com um Alberto velho, de dente de ouro... Ridículo! — Quando for confessar-se terá vergonha. Antes era mais fácil. Dizia simplesmente ao vigário, cochichando nervosa e rápida, para que o padre não ouvisse direito — «Tive maus pensamentos e gostei deles...» O padre costuma ser curioso, pergunta o que sentiu... Sente-se afoguada, úmida, só de pensar.



Rubi

Agora há a cara vermelha do senhor Alberto que sua sob o sol numa expectativa persistente. Levanta-se ofendida. Ou não? E se o velho for apenas educado? Pode ser apenas isso, entretanto essa idéia a ofende mais ainda, ela descobre. Volta novamente à janela querendo experimentar outra vez o aperto do coração à espera de algo diferente.

Seu Alberto estava de costa, curvado sobre um caixote de sabão mas pareceu sentir o olhar cheio de espanto e atordoamento atravessando a rua até ele. Olham-se. O sol brilha em seus sorrisos tímidos, meio esperançosos. Meio-dia. Seu Alberto está com a gravata nova de listas vermelhas, e ela usa o melhor vestido: preto, com golinha de croché.